

ANTROPOLOGIA

Um diário da expedição Lévi-Strauss

'Um Outro Olhar', do brasileiro Luiz de Castro Faria, nomeado fiscal da viagem liderada pelo pesquisador francês, narra o dia-a-dia do grupo que explorou a Serra do Norte

Fotos de Luiz de Castro Faria

HAROLDO CERAVOLO SEREZA

Em 1935, o francês Claude Lévi-Strauss foi contratado como professor visitante da Universidade de São Paulo. Começava assim a história da profunda relação entre o Brasil e um dos mais importantes nomes das ciências humanas do século 20. Uma relação que, como se sabe, não se limitou às salas da recém-fundada universidade, mas que também passou por viagens e pesquisas etnográficas.

Em 1938, Lévi-Strauss partiu para a Serra do Norte, no Mato Grosso. De junho a dezembro desse ano, liderou uma expedição científica que tinha como primeiro objetivo colher material para seu doutorado. Suas versões dessa viagem, uma das mais importantes que fez no País, são bastante conhecidas, e parte delas estão contidas no livro *Tristes Trópicos* (Companhia das Letras, 1996), em especial no capítulo dedicado aos nambiquaras e aos tupi-cavaiabas. Mas uma outra narrativa dessa aventura etnográfica ficou mais de 60 anos inédita: trata-se do diário do etnólogo brasileiro Luiz de Castro Faria, nomeado "fiscal" da expedição e que registrou em textos e fotografias a trajetória da viagem em que não foi, de início, bem recebido. O resultado direto de seu trabalho de coleta de informações acaba de ser publicado sob o título *Um Outro Olhar - Diário da Expedição à Serra do Norte* (Ouro sobre Azul, 216 págs. R\$90).

Lévi-Strauss desejava, a partir das pesquisas que realizasse na viagem, produzir sua tese de doutorado. Não queria, portanto, concorrência. Por outro lado, o governo brasileiro, em plena ditadura getulista, não via com bons olhos a viagem de um estrangeiro por terras tão distantes, ainda mais sendo ele próximo de socialistas como Paul Rivet, diretor do Musée de l'Homme. A diretora do Museu Nacional no Brasil, Heloísa Alberto Torres, sugeriu que os expedicionários pagassem as despesas de um pesquisador do museu, que representaria também o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. Além da função de observar o comportamento dos estrangeiros, era, evidentemente, uma oportunidade de ajudar a formar um de seus protegidos.

De início, a empreitada de Lévi-Strauss também contava com antipatia do Serviço de Proteção ao Índio. Numa tentativa de se ver livre da fiscalização do Museu Nacional, Strauss atrela sua viagem de pesquisa à USP, e Heloísa Alberto então pede que a universidade seja informada da oposição do SIP.

"Lévi-Strauss não queria o representante do Museu Nacional e Heloísa Alberto Torres não dava o seu voto de aprovação se assim não fosse", escreve Heloísa Maria Bertol Domingues, que apresenta o livro no texto *A Última Expedição Etnográfica do Século 20*. "Entrou em cena, então, Mário de Andrade, secretário de Cultura de São Paulo", continua Heloísa Bertol. A Secretaria passa a financiar a expedição e pede que o museu nomeie seu representante. O SPI revê, mais ou menos ao mesmo tempo, sua posição, e o jovem estagiário do Museu Nacional é designado para acompanhar Lévi-Strauss.

Faria não se torna um colaborador de Lévi-Strauss, embora se guissem companheiros de viagem. A nota, inclusive, em seu diário, no dia 23 de junho, quando estavam eles entre os nambiquaras, em Utiariti: "Trabalho só, de maneira que não posso conseguir tanto como os demais. Além disso, não disponho de material para permuta. O personalismo, como norma de atividade, é absoluto." Mais para o fim da viagem, apesar de manterem seus trabalhos independentes, o professor Lévi (assim Faria o trata) o ajudaria a registrar a pauta da música tocada pelos sanfonistas de defeiteiras (em que homens e mulheres trocam versos), enquanto o brasileiro registra versos como este: "Quem falar de mim/ fale bem que fama corra/ eu deixá meu bem não deixo/ nem que tivé paixão que morra."

Apesar do distanciamento "profissional", tanto quanto possível, entre os dois, Faria fez um feliz registro do trabalho de cam-



Reprodução



O antropólogo Claude Lévi-Strauss registra índio nambiquara com arco-e-flecha durante a expedição de 1938, e é fotografado por Castro Faria

po de Lévi-Strauss. Documentou, por exemplo, o momento em que o francês fazia um dos fotos dos nambiquaras reproduzidas em *Tristes Trópicos*, em que o índio mostra como se lança uma flecha. O trabalho de Dinah, mulher de Lévi-Strauss, a antropóloga do grupo (responsável pelas medições antropométricas) foi captado pela máquina fotográfica de Faria, até que uma inflamação no olho a obrigasse a abandonar a expedição.

As anotações de Faria a respeito dos índios versam sobre suas atividades cotidianas, vocabulário, doenças, etc. Uma das experiências realizadas pelo médico e naturalista da expedição, J. Vellard, foi aplicar uma flecha envenenada pelos nambiquaras num cachorro, para avaliar a toxicidade do artefato. O cão, como previsto, veio a falecer, asfixiado. Depois disso, no início de julho, Faria registra como é feito o veneno: "Tomam as raízes e raspam cuidadosamente a parte mais externa da casca. Colocam numa vasilha com água, que toma imediatamente cor vermelha intensa", escreve. A mistura é levada ao fogo, coada antes de ferver e depois novamente aquecida, para que a concentração aumente, até que vire uma espécie de caramelo, este aplicado à flecha.

Cidades - Depois de Utiariti e a Missão Jurueña, a expedição segue para Vilhena e outros pequenos vilarejos. Também passa por Porto Velho, mas, no fim da viagem, o grupo se divide: Lévi-Strauss segue para a Bolívia, e Faria volta pelo Amazonas, passando por Manaus e Belém, sempre fazendo suas anotações até o começo de 1939.

Algumas de suas observações mais perspicazes não se referem apenas ao trabalho com os índios. Estão relacionadas às cidades por que passou. Sobre São Paulo, por exemplo, diz que, apesar da industrialização, "é mais provinciana e camponesa que cidadina". No dia 20 de abril, registra: "O Jardim América é encantador. Casas de arquitetura caprichosa, com as fantasias dos novos-ricos. E os jardins também. Tudo arrumadinho como um cenário de Hollywood."

Já depois de cruzar o interior paulista e passar por Bauru, em Corumbá, no dia 1.º de maio (portanto, antes de chegar a Cuiabá, onde inicia oficialmente a Expedição Lévi-Strauss e os etnólogos se encontram), anota: "A vida social aqui consiste em frequentar as sorveterias e passear na praça em dias de re-treta. Corumbá possui também um cinema, bem sujo aliás, e que me pareceu ser mais frequentado pela gente mais pobre, isto é, pelos que estão verdadeiramente fixados na cidade."

Em Cuiabá, algo o impressiona: a quantidade de professoras primárias, a ponto "de ser rara a moça de Cuiabá que aos 15 ou 16 anos não é professora". "Agora suspenderam a matrícula na Escola Normal, devido à verdadeira pletoira de normalistas", lamenta. "A medida tomada pelo Estado, mandando fechar a matrícula da escola, foi extremamente prejudicial porque o funcionamento do curso de professores, embora não trazendo vantagens práticas, garantia à mocidade um nível cultural bastante elevado. Num lugar onde faltam absolutamente todos os meios de diversão, o estudo tornou-se necessariamente, para os jovens, objeto de dedicação sincera, explicável pelo prazer da convivência ruidosa, tão própria da idade."



Lévi-Strauss com caminhão quebrado, à espera de uma peça



Expedição sobe o Rio Pimenta Bueno rumo a maloca tupi

'Odeio as viagens e os exploradores', escreveu o francês

Em 'Tristes Trópicos', ele diz que não há lugar para a aventura na profissão de etnógrafo

Quando partem para explorar o norte do Mato Grosso, tanto Claude Lévi-Strauss quanto Luiz de Castro Faria estavam trilhando um caminho intelectual já parcialmente conhecido. Isso porque seguiam os passos indicados pelo livro *Rondônia*, de Edgard Roquette-Pinto, que, em 1917, publicou o resultado de sua viagem (feita no ano de 1912), como um dos membros da expedição comandada pelo marechal Cândido Rondon.

Segundo Afrânio Raul Garcia Jr. e Gustavo Sorá, que assinam o texto *Castro Faria: A Experiência de Rondônia e a Antropologia no Brasil*, que integra a edição de *Um Outro Olhar*, "Castro Faria fotografou, viveu a expedição, tomou notas no campo com carteiros e problemas tirados de *Rondônia*; visava a ir além do mestre, repensando as ciências antropológicas e o Brasil 20 anos depois do registro de Roquette-Pinto", escrevem.

O antropólogo francês Lévi-Strauss conta, por sua vez, que "tinha o propósito de passar um ano inteiro no Mato", atravessando "a parte ocidental do planalto desde Cuiabá até o Rio Madeira". Segundo ele, o interesse vinha, entre outros motivos, do fato de a região ser pouco conhecida. Entre a parca bibliografia sobre a região, cita "o encantador livro do saudoso Roquette-Pinto".

"Mas, desde então, a velha maldição parecia ter recaído sobre o planalto", continua Lé-



Índia tupi, registrada pelo jovem etnógrafo Luiz de Castro Faria, nomeado 'fiscal' da viagem de Claude Lévi-Strauss

vi-Strauss. "Nenhum etnógrafo profissional se tinha empenhado nele. Ao seguir a linha telegráfica, ou aquilo que dela restava, era tentador procurar saber o que eram exatamente os nambiquaras, e mais longe, em direção ao norte, essas populações enigmáticas que ninguém tinha visto desde que Rondon se limitara a assinalá-las."

Uma das influências de Roquette-Pinto no trabalho de Castro Faria é o uso da fotografia como uma nova fonte do trabalho do etnógrafo, o que revelaria a sensação de que os fenômenos observados não perdurariam, segundo os autores do texto publicado no livro do brasileiro.

ESTUDIOSOS SEGUEM OS PASSOS DE 'RONDÔNIA', LIVRO DE ROQUETTE-PINTO

Repulsa - Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss faz uma espécie de contra-elogio do livro de viagens. A primeira oração da obra é justamente esta: "Odeio as viagens e os exploradores." Quinze anos já se haviam passados desde que o antropólogo havia deixado o Brasil pela última vez. "A cada vez" que ameaça começar a pensar em escrever os relatos de suas expedições, "era detido por uma espécie de vergonha e de repulsa".

Segundo ele, "não há lugar



Índio nambiquara em Utiariti: bracelete, adorno no pescoço e enfeite fixado no nariz, feito com penas de gavião



Segundo Lévi-Strauss, quando contrariada, a criança nambiquara bate facilmente na mãe e esta não se opõe: "Nunca vi baterem a nenhuma"

para a aventura na profissão de etnógrafo; só serve para escravizá-lo, exercendo, na eficiência do trabalho, a pressão das semanas e dos meses perdidos no percurso, das horas ociosas gastas com o informante esquivo; o peso da fome, do cansaço, por vezes da doença; e, permanentemente, a opressão desses mil peque-

nos serviços que consomem os dias em pura perda, reduzindo a vida perigosa no coração da floresta virgem a uma imitação do serviço militar."

Sentimentos sinceros ou desdenho acadêmico de quem quer, mas não acha moral do ponto de vista intelectual, se vangloriar do ofício de explorador? (H.C.S.)